Cinema Paradiso

Paulo Cabral Tavares

Eu tinha doze anos quando meus pais inauguraram aquele cinema. Era 02 de abril de 1952. Não sei bem como conseguiram tal façanha. Meu pai tinha uma vendinha de secos e molhados e minha mãe era "APT", Agente Postal Telegráfica dos Correios e Telégrafos de Ubatã, uma pequena cidade do interior da Bahia. O cinema, que bem poderia chamar-se Cinema Paradiso, era o Cine Teatro Ubatã.

O edifício, de boa construção, está de pé ainda hoje, sem qualquer problema. O cinema tinha "duzentas e tantas cadeiras", de madeira forte fixada no chão. Para a época era um fato considerável.

Só eram exibidos filmes "de família". Na verdade era a maior parte das programações daquele tempo. Havia outra razão maior. Minha Mãe, D. Nini trabalhava na porta, recebendo os ingressos e meu pai, Florzinho, ficava na bilheteria. O cinema, numa cidadezinha com menos de cinco mil habitantes, era o "point" daquele tempo. Ali aconteciam as coisas. Muitos namoros lá se iniciaram e alguns, lá foram desfeitos. Na tela Errol Flynn, Gregory Peck, Gary Cooper, Olívia de Havyland, Bette Davis e outros. E eu ali, no meio daquilo tudo. Privilegiado, causando inveja nos companheiros, pois podia ir ao cinema sem pagar. Não me deixavam ir todos os dias, mas aos sábados e domingos na matinê a minha presença era certa. Pelo palco, enorme, passaram quase todos os grandes da MPB da época. Mas quem fez o maior sucesso foi o velho Luiz Gonzaga. Sessão superlotada, gente por todos os lados. Sucesso estrondoso.

Meu escritório de advocacia fica hoje quase em frente ao velho cinema. Da minha sala no primeiro andar, posso vê-lo. Lá, agora funciona uma boutique. Todos os dias eu passo duas ou mais vezes em frente a sua porta. Não sei bem por que, mas sempre tive medo de voltar lá. Para mim é um território sagrado, mágico. Outro dia, acompanhado de amigos, criei coragem e entrei. Foi como se voltasse ao passado. Um passado ainda vivo, emocionante!

Curiosamente, o cinema agora já não era tão grande quanto na minha lembrança. Não conseguia falar, a emoção era muito grande. O pessoal não entendeu nada. Não sabiam por que eu fiquei ali parado, olhando, sem ouvir nem responder as perguntas que me faziam. Não entendiam que desconforto era aquele nos olhos e porque a todo o momento precisava limpá-los...

Quanto tempo se passou! Quantos séculos eu caminhei desde aquele tempo! Fiquei ali perdido na saudade do velho cinema, percorrendo os caminhos e as alegrias da infância. Ouvia a gritaria da meninada nas tardes de domingo, nas matinês. Lembrava dos heróis na tela. Viajava com Flash Gordon, cavalgava com Roy Rodgers. Só sei que me deu uma saudade danada e me enchi de admiração por Florzinho e Nini, que com os seus parcos recursos conseguiram realizar um sonho quase impossível.

Eu tenho muito respeito por aquele velho cinema. É um pedaço feliz da minha vida. É parte da história da minha cidade. Olha, velho Florza, se eu pudesse, reconstruiria o velho cinema, do mesmo jeito que ele era quando você o inaugurou, há tanto tempo. Iria buscar a velha Bell Howell de 16mm e, juro, iria buscar você e D. Nini e a turma toda para, em grande estilo, fazermos uma re-inauguração. E ver um filme de caubói, outra vez. E vibrar... Como quando eu era menino e sonhava nesta sala, com as inocentes aventuras dos heróis daquela época. Ou quem sabe, a gente se derretesse junto, vendo outra vez Cinema Paradiso.

Paulo Cabral Tavares

é irmão do Dr. Heleno Cabral Tavares, membro do CBR